

AS TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA JAPONESA SOB A ÓTICA DO “AQUI=AGORA” DE SHUICHI KATO

Douglas Pastrello¹

Resumo: As mudanças sofridas pelo Japão ao longo dos últimos dois séculos variaram entre um discurso nacionalista extremo e belicoso para um discurso de paz no mundo do século XX – por meio de sua Constituição de 1947. O presente trabalho visa elencar as características que possibilitaram ao Japão sua rápida reinvenção ao longo do tempo, tomando a ideia do “Aqui = Agora”, de Shuichi Kato (2012). Com esse objetivo, será feita uma rápida explanação de eventos da cultura japonesa entre a reforma Meiji (1868), a Era Imperial (1868-1945) e o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), partindo dos escritos de Yoshikuni Igarashi (2011), Célia Sakurai (2014) e David Landes (1990). Assim, visamos traçar um terreno propício para a análise da cultura japonesa sob a ótica do “Aqui” e do “Agora”. A partir desses elementos teóricos, buscando explicar as transformações da cultura nipônica sob seus próprios elementos internos.

Palavras-chave: Japão; Era Imperial; Shuichi Kato.

THE TRANSFORMATIONS OF JAPANESE CULTURE UNDER THE VIEW OF "HERE = NOW" BY SHUICHI KATO

Douglas Pastrello

Abstract: The changes Japan has undergone over the past two centuries have ranged from an extreme and bellicose nationalist discourse to a peace discourse in the world of the 20th century - through its 1947 Constitution. The present work aims to list the characteristics that enabled Japan its rapid reinvention over time, taking the idea of "Here = Now", by Shuichi Kato (2012). To that end, a brief explanation of events in Japanese culture between the Meiji reform (1868), the Imperial Era (1868-1945) and the end of World War II (1945) will be made, based on the writings of Yoshikuni Igarashi (2011), Célia Sakurai (2014) and David Landes (1990). Thus, we aim to trace a favorable ground for the analysis of Japanese culture from the perspective of "Here" and "Now". From these theoretical elements, seeking to explain the transformations of Japanese culture from their own internal elements.

Keywords: Japan; Imperial Era; Shuichi Kato.

LES TRANSFORMATIONS DE LA CULTURE JAPONAISE SOUS LA VUE DE «ICI = MAINTENANT» DE SHUICHI KATO

Douglas Pastrello

Résumé: Les changements subis par le Japon au cours des deux derniers siècles vont d'un extrémisme nationaliste de guerre à l'un des hérauts de la paix mondiale au XXe siècle - à travers sa constitution de 1947. Cet article vise à montrer les principales caractéristiques qui ont rendu possible la réinvention rapide du Japon à travers le temps, en utilisant le «Ici = Maintenant» de Shuichi Kato (2012). Pour cet objectif, il sera fait une explication rapide des événements de la culture japonaise entre la restauration Meiji (1868), l'ère impériale (1868-1945) et la fin de la Seconde Guerre mondiale (1945), basée sur les travaux de Yoshikuni Igarashi (2011), Célia Sakurai (2014) et David Landes (1990). Ainsi, vise à créer un terrain propice à l'analyse de la culture japonaise à travers l'optique du «Ici» et du «Maintenant». A partir de ces éléments théoriques, on cherche à expliquer les transformations de la culture japonaise à travers sa propre logique.

Mots-clés: Japon; ère impériale; Shuichi Kato.

Introdução

Entre os eventos mais marcantes do século XX, sem dúvida, estão os bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki, o que demarca o fim do Império japonês de 1868-1945 e inicia uma nova era do Japão, sob a tutela norte-americana. Principalmente, ocorre a rápida mudança de um *ethos* militarista para um pacífico que abdica da guerra, com uma das principais problemáticas em torno de como essa mudança ocorre com tamanha velocidade.

As transformações podem ser explicadas tanto pelos eventos catalizadores, como as bombas atômicas, quanto por fatores culturais do Japão, dentre os quais temos a prevalência de um foco no presente e nas proximidades do que o crítico literário japonês Shuichi Kato² chama de “aqui = agora”.

Este artigo busca traçar uma síntese dos eventos que moldam a cultura japonesa partindo dos conceitos “Aqui” e “agora”. Para isso, será feita uma rápida delimitação da cultura japonesa próxima do fim da Segunda Guerra Mundial, seguida dos novos comportamentos adquiridos com a ocupação norte-americana. Por fim, será analisado como teóricos da cultura japonesa interpretam essas mudanças no *ethos* nipônico.

Banzai – Japão ame-o ou morra

Na segunda metade do século XIX, o Japão iniciou uma rápida transformação econômica, social e política. Segundo Célia Sakurai (2014), o Japão rapidamente assimila técnicas industriais e abre a economia para o comércio mundial, algo que não ocorria havia dois séculos. Rivalizando com grandes potências no mercado internacional, como aponta Landes (1998), o Japão inicia um processo social e político de unificação do povo nipônico sob o mesmo estandarte, o que pode ser visto por meio do édito Imperial sobre educação de 1890:



Nossos ancestrais imperiais fundaram Nosso Império com base em uma virtude duradoura profundamente implantada; Nossos súditos sempre unidos na lealdade e piedade têm de geração em geração ilustrado esta beleza. Esta é a glória do caráter fundamental de Nosso Império, sendo também a raiz de Nossa educação.

Vós, Nossos súditos, sejam leais a seus pais, afetuosos com seus irmãos e irmãs; maridos e esposas sejam harmoniosos, como amigos verdadeiros; encham-se de modéstia e moderação, estenda a sua benevolência a todos; persiga o aprendizado e o culto às artes, para assim desenvolver suas faculdades intelectuais e os poderes morais perfeitos; além disso avance para o bem comum e promova interesses em comum; sempre respeite a constituição e observe as leis; em caso de emergência, ofereça-se corajosamente ao Estado, para assim resguardar a prosperidade de Nosso trono Imperial no céu e na terra.

Assim, vós, não serão apenas Nossos bons e leais súditos, mas tomarás as melhores e ilustres tradições de vossos antepassados. O caminho, aqui apresentado, é de fato o ensinamento legado por Nossos ancestrais imperiais, para serem seguidos por todos seus descendentes e súditos, infalível por todas as eras e verdadeiro em todos os lugares. É o Nosso desejo de colocá-lo em Nossos corações com toda a reverência, em comum com vós, nossos Súditos, para que possamos alcançar a mesma virtude. (Trigésimo dia do décimo mês do ano 23 Meiji) (UNIVERSITY OF PITTSBURGH)³

O édito explicita que há a formulação do “Nós” – sempre em maiúsculo – e o “Outro”, sendo que todos os aspectos positivos da cultura japonesa pertencem somente ao nós, e quanto ao “outro” só a fúria da espada. O principal intuito era utilizar o pretexto da unificação imperial, visando criar um corpo nacional que possibilitasse o rápido desenvolvimento do país.

Ainda, foi estabelecido que 11 de fevereiro do ano 660 a.C. seria o “Ano 1” da “Era japonesa”, como a data em que o primeiro Imperador chegou ao trono. Essa comemoração só foi revogada durante a ocupação estadunidense no pós-guerra. Assim, o “eu” japonês deixa de existir e passa a ser somente uma extensão do coletivo, de acordo com Sakurai:



Toda mudança passou a ser justificada como sendo para o “bem de todos”, mesmo que a custo de sacrifícios. O argumento da “necessidade de harmonia”, emprestado do confucionismo, foi usado para dar corpo às tarefas necessárias. A imagem da “família ideal” ilustrou a ideia do indivíduo como parte de um todo que começa com a família nuclear, passando pela extensa, a comunidade, a província até chegar ao Imperador, deste à “grande família que é o universo” e finalmente à harmonia em si (SAKURAI, 2014, p. 150).

Partindo da narrativa mítica de que todo o Japão é descendente da deusa *Amaterasu* – que fez descer o primeiro Imperador no solo japonês –, pressupõe-se a ascendência divina do povo nipônico. Dessa forma, justificase o porquê do “Nós” estar acima do “outro”. Dentro dessa doutrina, haveria uma hierarquia interna e externa ao japonês. Dentro da interna, coloca-se o Imperador no topo da cadeia e, conforme a distância social aumenta, diminui o prestígio do indivíduo. Em suma, creditava-se a posição do japonês de acordo com sua relevância para o Imperador.

No âmbito externo, colocava-se o Japão em um patamar de superioridade em relação às outras nações. Quanto mais distante geograficamente a nação se encontrava do Japão, menos era valorada pelos os nipônicos. Pode-se interpretar esse fenômeno como a “Teoria de Centro” do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, segundo a qual:

A ilusão de superioridade e centralidade provavelmente é necessária para a manutenção da cultura. [...] As nações modernas também mantêm uma visão etnocêntrica do mundo, apesar de saberem muito bem que não são as únicas a fazer essa reivindicação (TUAN, 1980, p. 36).

Como afirma Ruth Benedict (1972), os japoneses viam o mundo como uma anarquia caótica, e somente o Japão seria capaz de pôr fim a esse caos. À medida que a Segunda Guerra Mundial eclodia no Pacífico e o Japão envolvia-se cada vez mais na guerra, mais essa doutrina da honra – ou do *Yamato-Damashii* – pressionava a sociedade.

Entre os exemplos dos esforços legais da doutrina da honra estão a *Kokumin Tairyoku Hō* (Lei nacional do vigor físico) e a *Kokumin Yūsei Hō* (Lei nacional da eugenia). A lei nacional do vigor físico (1940) mirava homens



entre 15 e 25 anos e promovia uma série de atividades físicas que “premiavam” os participantes com base no desempenho. Medindo desde dentição, aparelho respiratório e proezas motoras, a lei buscava mapear os cidadãos aptos à guerra.

Já a lei nacional de eugenia permitia que o Estado realizasse intervenções em corpos “não aptos”, estendendo as operações até o 4º grau de parentesco. Assim, buscavam criar o melhor corpo nacional possível, mesmo que, para isso, fosse preciso excluir uma parte da população.⁴

Esperava-se do corpo nipônico o sacrifício que fosse necessário para a prosperidade da nação. A propaganda não sedia em momento algum, mesmo quando os bombardeios estadunidenses já dizimavam as cidades japonesas, afirmando que “os inimigos estavam exatamente onde eles queriam.” Os corpos eram moldados para sobrepor seu treinamento ao número do inimigo, “sua carne a seu aço” (BENEDICT, 1972, p. 28).

Assim, se os caças não possuíam armas potentes o suficiente para destruir os cruzadores norte-americanos que se arremessem portando uma bomba para afundá-los. Em caso de captura, o soldado japonês deveria cometer suicídio antes de ser aprisionado pelo inimigo, de preferência levando consigo o máximo de inimigos possível.

Entretanto, os bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki em 1945 mudou totalmente a perspectiva do Japão, colocando fim ao Império, com a rendição incondicional, e finalizando a doutrina da honra, que se baseou na mitologia da ascendência divina dos japoneses. Logo, o pós-guerra nipônico foi tornado palco de uma crise de identidades e busca por novas significações para o corpo que outrora era símbolo da nação e do sacrifício.

O pós-guerra japonês e o hibridismo

Com a rendição japonesa e o início do pós-guerra, os corpos japoneses deixam de ser uma extensão do Estado e, pela primeira vez, ficam sob o domínio dos indivíduos. Inicialmente, o momento é de breve



euforia, seguida por uma crise social e econômica. As pressões sociais cessam, assim como a propaganda da honra, cabendo aos indivíduos responderem ao momento da melhor forma.

Yoshikuni Igarashi (2011) apresenta o relato de uma editora de revistas chamada *Fumiko Totsuka*, que participou do que o diretor chamou de uma “festa selvagem” com muita bebida e jazz, além de portar itens expressamente proibidos durante a guerra: um vestido e batom vermelho. Esse evento demarca duas questões importantes para compreender a mudança cultural nipônica do momento: primeiro havia uma ansiedade na expectativa de o conflito acabar e, segundo, deveria existir algum tipo de mercado clandestino em que itens proibidos conseguiram transitar entre a sociedade, como o jazz e a bebida.

Logo, apesar de a euforia inicial causar um show de luzes e a abertura das casas de banho que racionaram água e energia elétrica (IGARASHI, 2011. p. 135), isso não significa que não houvesse dissidências de pensamento durante a Era da honra. O exemplo do fotógrafo Kikujiro Fukushima demonstra como a cultura da honra era extrema com seus “discípulos”:

Meu estômago, enfraquecido até o limite, rejeitava as comidas dos militares que continham feijões de soja [...] o que eu comia permanecia na forma original – e sujava minhas calças quando estava em sessões de treinamento [...] Contudo, os poucos soldados que foram devagar nas suas ações e memorizações continuaram sendo punidos (como tinha acontecido desde o começo do recrutamento). Três deles escaparam uma noite: um deles foi encontrado como um cadáver mutilado atropelado por um trem, enquanto outros dois foram içados do poço do complexo militar, inchados como bolas de borracha. Os oficiais e líderes do pelotão que correram até a cena, ficaram chutando os corpos até que as barrigas estouraram e os órgãos internos saíram, enquanto ficavam gritando: “Seus traidores” (KIKUJIRO apud IGARASHI, 2011, p. 132).

Fukushima havia contrariado a ordem médica de não se alistar, devido a uma doença no fígado, demonstrando sua determinação em servir à



nação. Entretanto, a vivência nos duros treinamentos militares foi impactante o suficiente para que ele mudasse de ideia.

Havia, ainda, aqueles que eram totalmente contrários à ideologia imposta na guerra, resultando em perseguição e alienação social por conta dos outros nipônicos. O mangá *Hadashi no Gen* (2011) – Gen pés descalços – lançado inicialmente em 1976, é considerado um relato autobiográfico do autor Keiji Nakazawa e apresenta exemplos da experiência do autor enquanto filho de um “traidor da pátria”.

Esses relatos demonstram as dificuldades da família de Nakazawa por não apoiar explicitamente a guerra e por criticá-la (GLEASON, 2003). Dessa forma, percebe-se que, por mais que a doutrina da honra fosse imponente e presente, não era onipresente na sociedade nipônica.

Assim, as transformações da sociedade japonesa do pós-guerra são relevantes e importantes, porém não precisam ser interpretadas como bruscas rupturas, ao considerarmos que a sociedade não só ficou aliviada com o fim da guerra, como também há exemplos de inúmeros dissidentes, perseguidos e presos políticos durante o período da honra (PURDY, 2018).

Igarashi (2011) argumenta que a facilidade com que o Japão assimila o pós-guerra é uma característica de um “entre-lugar”, o que, para o historiador, significa que o Japão sempre esteve em um terreno médio entre culturas, tornando a absorção cultural um elemento de fácil coesão. O autor atribui essa característica ao Japão, argumentando que a principal força motriz teria sido a conformação com a derrota. Esse Japão “híbrido” teria essa característica devido à sua posição geográfica, fazendo-o manter proximidade com o ocidente e o oriente.

Embora Igarashi aponte o fim da Segunda Guerra Mundial como o evento catalisador desse fenômeno no pós-guerra, não significa afirmar que teria surgido a partir disso. A faceta híbrida do Japão já foi elencada diversas vezes; como Shuichi Kato (2012) demonstra, as fronteiras do Japão sempre variaram entre uma abertura e o isolamento. A própria reforma Meiji é a demonstração desses aspectos, pois no início da reforma o Japão troca informações culturais com outras nações, melhora sua indústria e coloca



sua sociedade na competição imperialista do mundo. Todavia, após o alcance do que seria o “desenvolvimento ideal”, o Japão volta a fechar suas fronteiras e colocar-se como centro do mundo.

Fecha-se assim o principal argumento, apresentado durante a reforma Meiji, era de que o Japão teria uma cultura uníssona e milenar. Mesmo que a cultura nipônica tenha raízes seculares, não é possível afirmar que elas moldaram o Japão atual por completo. Logo, caracteriza-se um novo conceito para o Japão – de acordo com Kato –, que é o senso de unicidade pela não unicidade. Em outras palavras, é uma afirmação de que a característica japonesa é sua “não característica”, pelo menos não por completo, colocando o país como uma cultura criada pelo hibridismo entre o Japão, o ocidente e o oriente. Apesar do erro de Kato, segundo Igarashi, que parece considerar as outras culturas orientais – como a China – como puras (o que de fato, não são), sua análise da sociedade japonesa é precisa (IGARASHI, 2011, p. 206).

O Japão ainda mantém características próprias de si, mas em constante adaptação. Isso seria a “atração e repulsa” pelo outro, em que simultaneamente vê-se o “Outro” como uma fonte de novos conhecimentos e um estranho devido a essas mesmas diferenças.

Em contrapartida, há o *nihonjinron*, um gênero da literatura teórica japonesa que argumenta a unicidade cultural do Japão, se tornando extremamente popular entre as décadas de 1970 e 1980 no Japão – em especial nos momentos decorrentes da crise econômica –, com afirmações que julgam demonstrar como o Japão se distingue das outras culturas. Igarashi afirma que o *nihonjinron* é uma “artimanha ideológica que assegura o *status* de superioridade do Japão em relação aos outros países” (IGARASHI, 2011, p. 186).

De acordo com Igarashi, seria preciso considerar que o pós-guerra também causou efeitos transformadores em outras sociedades do pós-guerra. Por outro lado, é possível considerar a transformação do Japão não como fruto do pós-guerra, e sim uma consequência da predominância do tempo presente na cultura japonesa. Em outras palavras, seria demonstrar a



equivalência de adaptação da cultura japonesa, sua maleabilidade, e não sua unicidade cultural.

O lugar do “Aqui”

Shuichi Kato (2012), para ilustrar de forma resumida a visão nipônica do tempo, cita um provérbio japonês que diz: “Deixa a água levar o passado” (KATO, 2012, p. 15), referindo-se à relação japonesa com o tempo na sociedade. Essa visão presentista reflete-se tanto no tempo quanto no espaço.

Essa movimentação em sintonia com o presente fez com o Japão Tokugawa adentrasse na Era Meiji, transformando-se em uma potência imperialista, e depois abandonasse todo seu projeto bélico, com uma constituição que promove a paz – tudo em menos de cem anos. Obviamente, esse fator não é singular nas modificações sociais que o Japão sofre, entretanto as catalisa.

Dentro da questão espacial, há três conceitos que delineiam fortemente o espaço japonês: o *oku*, o *tatemashi* e a “horizontalidade”. Para o teórico nipônico, o *oku* pode ser definido como:

[...] o oposto de fora, beira ou borda e boca. [...] Espacialmente, é um lugar mais ao fundo a partir de uma entrada, e seu sentido original e primitivo é um lugar valorizado e não revelado para as pessoas. (KATO, 2012, p. 187)

O *oku* relaciona-se com o privado e enquadra-se entre o limite do público e as bordas do oculto. Por exemplo, dentro de uma casa, não se espera que os visitantes possam conhecê-la por inteiro, há cômodos da vida privada que não podem ser revelados ao exterior. Assim, crê-se que o espaço japonês possui limites tênues, mas bem definidos, o que se elabora em maiores escalas, formando os *mura*⁵, que seriam esses espaços definidos, que podem não parecer visível ao visitante, mas aos de dentro é extremamente perceptível. Suas fronteiras são feitas pelos laços culturais de uma comunidade e seguem a mesma lógica de interiorização dos *oku*.



Desta forma, em ambos os aspectos, se rege a transformação do espaço pelo *tatemashi*⁶, uma espécie de reforma arquitetônica que adequa o espaço às necessidades. O espaço japonês não é pensado *a priori* em todas suas eventuais mudanças, sua criação varia conforme os problemas do presente e suas modificações, com novos problemas da atualidade. Assim, permite que se priorize a horizontalidade nas construções, pois modifica o espaço primeiro ao horizonte e depois à verticalidade.

Embora se prefira a horizontalidade sob a verticalidade, não significa que, caso houvesse necessidade, não se criam edifícios verticais. Os *mura* seguem a mesma premissa, suas fronteiras são expandidas além de seus limites horizontais, frequentemente criando choques culturais, que sempre são relações de desigualdade; seguem, em instância, a lógica da “teoria de centro” do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que prediz o seguinte:

A ilusão de superioridade e centralidade provavelmente é necessária para a manutenção da cultura. [...] As nações modernas também mantêm uma visão etnocêntrica do mundo, apesar de saberem muito bem que não são as únicas a fazer essa reivindicação (TUAN, 1980, p. 36).

Em suma, parte-se do centro cultural do *mura* como a relação será com o exterior, quanto maior a distância entre o *mura* e seu objeto, mais desarmoniosa. Crê-se que, da mesma forma que a vizinhança em um bairro seja mais unida que dois bairros distintos, *muras* próximos tendem a possuir uma relação mais igual. Logo, os estrangeiros são sempre vistos como estrangeiros, nunca como parte oficial do todo. Nessa relação de poder, ainda há a chance de o estrangeiro ser a “parte superior” da relação, como ocorreu na ocupação norte-americana no Japão do pós-guerra entre 1945-1952. De acordo com Kato, essa noção se reflete na política japonesa, ao pensarmos na relação entre o Japão e os Estados Unidos:



O modo japonês de ver os Estados Unidos mudou várias vezes: como ameaça no final do xogunato; como parte do Ocidente enquanto modelo no processo de industrialização após a Renovação; como Brutal na propaganda durante a Grande Guerra do Pacífico; e como modelo após a derrota (KATO, 2012, p. 185).

Entre ódio e admiração, essa relação nunca foi em padrões de igualdade. Essa noção de espaço é uma das razões pelas quais o Japão continua a se reinventar. Com o fim do Xogunato, o sentimento de inferioridade ajudou a acelerar a reforma, e durante a guerra foi combustível para o esforço de guerra, e no pós-guerra auxiliou na manutenção da paz.

Esse paradoxo é o que move o Japão entre suas fronteiras, pois ainda cerca as associações japonesas como um todo, havendo o maior interesse nas partes do que no todo: esse é o foco no “Aqui”. Dentro da lógica *oku dos mura*, não se pensa o Japão enquanto vários *mura*, mas encara-se que “Os domínios do *mura* não são resultado da divisão da totalidade do espaço do mundo, é o ajuntamento dos *mura* que faz o *kuni*” (Kato, 2012, p. 249).

O presente na espacialidade japonesa se apresenta como esse “comunitarismo” do “Aqui”. O Japão atribui a seu espaço uma característica defensiva de reação e não ação. Até mesmo durante o Imperialismo no leste asiático entre as décadas de 1930 e 1940, a justificativa japonesa, diferente da democracia e crença ocidental, se baseava em uma suposta “união” contra os “demônios do oeste”. Essa característica está presente ao analisarmos os filmes de propaganda que tinham como público-alvo as nações dominadas do leste asiático. Os filmes *Shina no yoru* (1940), de Shu Fushimizu (1910-1942), e *Nessa no chikai* (1940), de Kunio Watanabe (1899-1991), retratam essa questão entre os “bons e maus asiáticos”. Em suma, aqueles que compreendem os benefícios de serem colonizados pelo Japão e os que não. Obviamente, a distância espacial entre os japoneses e esses “bons asiáticos” ainda relegava ao segundo uma posição inferior. O longa *Ano hata o ute* (1944), do diretor



Yutaka Abe(1895-1977), retrata filipinos recitando frases antiamericanas, por exemplo. Buscava-se, com esse cinema de propaganda, incutir a ideia do “Aqui” japonês nos territórios conquistados.

Mesmo que a distância espacial tivesse tornado os conquistados explicitamente inferiores aos nipônicos, não significa que o “Aqui” possua falhas, pois, dentro do próprio Japão, internamente o status social era medido de acordo com a proximidade com o Imperador. Dessa forma, ao pensarmos no Japão como a grande junção dos *mura* que o formam, há uma proximidade clara entre os japoneses; todavia, ao colocarmos o *kuni* sob o microscópio e analisarmos seus *mura* em separado, perceberemos como há um distanciamento entre eles.

Tem-se, assim, uma relação espacial que prioriza os “Aqui” em detrimento dos recortes panorâmicos: os problemas dos *ie* (casa) sobressaem aos do *mura* (vilas), que sobressaem os do *kuni*, que, por fim, superam os do mundo. Quando pensamos o território japonês no pós-guerra e sua relação com o passado belicoso, fica compreensível como o “esquecimento” da guerra se fez presente no espaço.

A destruição material foi intencionalmente causada e poupou apenas o prédio Imperial na área de Tóquio – que tinha o objetivo de utilizar a figura do Imperador para uma aliança no pós-guerra. Segundo Purdy (2018, p. 95), os ataques de 8 e 9 de março, em Tóquio, causaram a morte de mais de 100 mil pessoas, na maioria civis, demonstrando que a cultural material dessa Tóquio imperial foi dizimada. Assim, o “Aqui” japonês pode se desvencilhar com certa facilidade do imaginário da guerra. Um bom exemplo é a “Ponte Sukiya”, que foi um dos poucos marcos que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial, em Tóquio, demarcando um lastro intacto do conflito. Entretanto, durante o pós-guerra, foi demolida e deu lugar ao metrô de Tóquio⁸ – tornando-se um símbolo do Japão moderno do pós-guerra. Ironicamente, a ponte antes representava a Guerra e agora favorece seu esquecimento, sinalizando a prioridade do “Aqui” com o presente.



Esse grande *tatemashi* em que o espaço japonês se encontrou não só auxiliou no esquecimento, como tem uma forte ligação com o presente. Grande parte da área urbana do Japão foi destruída por bombardeios norte-americanos, fazendo com que o foco na reconstrução do “Aqui” tornasse o esquecimento mais palpável, refletindo também as questões japonesas na relação para com o tempo. Logo, se no espaço é o “Aqui”, no tempo se torna o “Agora”.

O presente do “Agora”

Enquanto o “externo” não possui forte interesse, a menos que tenha alguma razão específica, por exemplo a abertura das fronteiras, segundo a qual a Japão passou a se reorganizar durante a reforma Meiji, a temporalidade é vista também a partir de si. Entretanto, o tempo é encarado de três formas distintas, mas complementares. Há dois tempos lineares e um cíclico, de modo que o tempo do mundo é linear entre dois pontos infinitos, o tempo da vida linear e finito, e o tempo das estações, cíclico e eterno:

Tempo do mundo Do infinito do início ao infinito do depois



Tempo da vida Do nascimento à morte



Tempo das estações O ciclo do verão à primavera.



Imagem 1:: Diagrama feito pelo autor, com base na literatura de Shuichi Kato(2012).

O primeiro, o tempo do mundo – “histórico” – reflete o tempo em que se referenciam os eventos humanos. Ele é infinito ao passado, pois, mesmo que a mitologia japonesa seja centrada na criação da ilha do Japão, isso não significa que não houvesse um universo pré-existente. O *Kojiki* (1969) retrata a criação do Japão e do primeiro imperador pela *kami* (deusa) Amaterasu – algo utilizado inclusive pelo nacionalismo militar deste período –, mas os próprios *kami* surgiram após o universo, não o contrário.

Assim, esse tempo pressupõe que a existência do universo é maior do que a humana, da vida, e provavelmente a subscreverá rumo ao infinito, sendo sempre referenciado nas buscas das justificativas do presente. Durante a Era Meiji, o passado mítico desse tempo era evocado como parte do presente, já no pós-guerra era referenciado como a justificativa da tutela norte-americana ao Japão. O tempo da vida representa a vida na qual nascemos e morremos. Sabemos quando nascemos, porém não temos a exata ideia de quando iremos falecer, e tudo o que compreendemos é que esse tempo é finito, o que justifica as ações no presente, a busca por significado e as conquistas em vida.

Por fim, o tempo cíclico é representado pelas estações. Por pior e mais rigoroso que o inverno possa parecer, sabe-se que não é eterno e a primavera deve estar logo adiante. O foco presentista dessa visão temporal encontra-se na própria estação que se vivencia: na primavera deve-se plantar, no verão colher e no outono estocar para o inverno. O comum



entre os três tempos é o foco no “Agora” que cada um possui, demonstrando assim uma pluralidade de “Agoras” que permeiam a cultura japonesa, cada qual com sua própria necessidade. Assim,

[...] dentro da cultura japonesa, como princípio, as pessoas conseguem enterrar o passado (“deixar a água levar”) – especialmente um passado inconveniente. Ao mesmo tempo, não há por que se inquietar com o futuro. Amanhã soprarão os ventos de amanhã (“O futuro a Deus pertence”). Os terremotos ocorrem mesmo, a bolha econômica estoura mesmo (KATO, 2012, p. 248.)

Essa relação com o “Agora” pode explicar a “divindade” do Imperador durante o Império japonês, ou a reconstrução de *ethos* pacifista no pós-guerra. Durante a reforma Meiji, a lealdade passou dos xoguns ao Imperador como uma forma de centralizar o poder, tornando o governante – por consequência – uma figura extremamente presente na sociedade, o que sinaliza que as mudanças, embora possam parecer bruscas, são naturais. Ainda que o xogunato Tokugawa tenha apresentado resistência às mudanças, elas ocorreram, e mesmo que o Japão tinha dito que jamais perderia a guerra, ele perdeu. Cabe, assim, à população mudar o curso do barco e continuar a seguir a correnteza do tempo da vida e adaptar-se à mudança.

No mangá autobiográfico de Keiji Nakazawa, *Hadashi no Gen* – “Gen pés descalços” (2011) –, o autor demonstra sob o ponto de vista de sua família como era o período da Segunda Guerra Mundial. O pai de Keiji era totalmente contrário à guerra e frequentemente bradava contra o regime imperial, entretanto, durante a obra em diversos momentos, Keiji coloca como a família cooptava com a narrativa social e pedia para que o seu pai também seguisse a norma social, por conta da necessidade do presente.

Em outra situação, o mangá também demonstra como jovens pilotos se tornam depressivos no treinamento para *kamikazes*, mas ainda assim seguem seu destino e suicidam-se honrosamente pela nação. Esses exemplos e até mesmo o caso de Fumiko Totsuka demonstram que o



“Agora” faz a ocasião, e ainda que se tenha uma resistência implícita, o foco no “Agora” dita os comportamentos do que se pode fazer em um determinado momento. Não seria plausível imaginar que o pensamento de Fumiko mudou somente após a rendição, mas ela passou a portar e utilizar itens proibidos pelo período imperial somente com o fim do conflito. Ou seja, apesar da dissidência de pensamento entre indivíduos e o sistema imperial, o foco no “Agora” gera parte da cooptação social.

O “Agora = aqui”

A sociedade japonesa apresenta-se como fruto do “Agora = aqui”, o que significa que suas mudanças são ditadas pelas necessidades do tempo e do lugar do presente, transformando o Japão na mesma direção que o lugar e o tempo se movem. Seja quando as autoridades perceberam que o Japão era muito inferior às potências tecnológicas do século XIX e fomentaram a reforma Meiji, alterando as questões educativas, políticas e sociais da nação, ou quando o Japão foi derrotado na Segunda Guerra Mundial e ocupado durante parte de seu pós-guerra, a sociedade nipônica atrelava suas mudanças às necessidades que esses eventos provocavam, catalisando, assim, um processo de adaptação presentista – que, a despeito de possuir resistências, foi concluído.

Em última análise, seria difícil definir o Japão como um ser híbrido – culturalmente – ou uma cultura uníssona como dita o *Nihonjinron* –, devido à maleabilidade japonesa de se adaptar ao “Agora = Aqui”. A única questão permeada em todas as situações desse presentismo seria a relação centrada dos *mura*, considerando que há duas formas de lidar com ela: uma externa e outra interna.

Na posição externa, toma-se como referência o *kuni* e considera-se a relação com base na proximidade do Japão. No presente, o Japão pacífico não detém desafetos militares propriamente ditos, entretanto suas relações com países mais periféricos são frias. De acordo com Bertonha (2014), mesmo que esse Japão pacífico flerte com questões militares e novas tentativas de aumentar seu orçamento bélico, sua execução real



parece longe de ocorrer. Kimijima (2009) aponta que a manutenção do Artigo 9 da Constituição – a abdicação da guerra – só se mantém por uma pressão popular, o que não significa que sejam valores imutáveis. Durante o Japão imperial, a população foi convencida de que a guerra era a única diplomacia possível para “salvar o mundo da anarquia” e no pós-guerra a paz seria a melhor forma de conviver no mundo contemporâneo. Em suma, essa mudança só ocorreria se, no presente, houvesse motivo para tal.

Dentro da aba interna, o Japão trocou os pontos de seu “Aqui”. Durante o Império, o centro da cultura emanava do Imperador até os *mura*, *ie*. Com o pós-guerra, o Imperador troca seu papel simbólico divino por outro: como guia da nação. Assim, a prioridade deixa de ser o *kuni* e passa a ser o próprio *ie*. Apesar de causar estranhamento a ideia de o que Imperador deixou de ser um “deus” e se tornou humano, essa confusão existe devido ao significado da palavra “acreditar”, em japonês, que, segundo Kato:

Geralmente, para a palavra “acreditar” há três níveis. Primeiro, acreditar fortemente; segundo, acreditar fracamente; e terceiro, é um “acreditar” bem fraco, quase sinônimo de “achar” ou “sentir”. A distinção entre o primeiro e o terceiro significado é clara numa frase. [...] O acreditar mais usado em japonês está no segundo sentido, fraco. [...] O “acreditar fracamente” não é o “não acreditar”. É acreditar “de verdade”, porém, com a conotação de que se as condições mudam, passa-se a não acreditar. (KATO, 2012, p. 143)

Essa explicação pode ser corroborada através do mangá de Keiji Nakazawa. Na obra, o pai do autor, representado pelo pai de Gen, frequentemente aparece criticando o Imperador e a guerra, o que não seria visivelmente aceito, caso a divindade imperial fosse contemplada por ele, uma vez que os *kami* são infalíveis. Assim, é possível esclarecer que os japoneses – incluindo os mais fanáticos – “acreditavam” na ideologia imperial, mas, com a mudança dos ventos no pós-guerra, passaram a “não acreditar”.



O exemplo mais notório pode ser encontrado em Hiroo Honoda, um soldado japonês que se rendeu somente em 1974. De acordo com Michael Bess (2008, p. 257), o tenente Onoda permaneceu 29 anos isolado em uma ilha nas Filipinas, sobrevivendo à base de frutas e pequenos animais, devido a uma ordem de seu superior que havia enfatizado que “o suicídio ou morrer não eram aceitáveis”. Ao ser encontrado, disse que só se renderia caso fosse ordenado. Seu superior direto – o Major Taniguchi – estava vivo e viajou até a ilha para dar a ordem, tendo como resposta desgostosa o seguinte: “Nós realmente perdemos a Guerra! Como eles puderam ser tão desleixados?” (BESS, 2008, p. 258).

Logo, o tenente Onoda se rendeu e rapidamente compreendeu as mudanças que o Japão sofreu. Entretanto, não conseguiu se adaptar ao novo Japão – três décadas distante de sua memória – e migrou para o Brasil, onde comprou uma fazenda. Hiroo Onoda compreendeu as mudanças e se adaptou, porém a falta da vivência com o “Aqui = agora” do imediato pós-guerra fez com que não compreendesse em totalidade as transformações de seu próprio país.

Considerações finais

Percebemos como as transformações ocorridas no Japão, especialmente as mencionadas entre o Japão Imperial e o pós-guerra, o tornam como um lugar fruto de si e do presente. Demonstramos, assim, como a cultura japonesa interpreta o mundo e é capaz de se reinventar mediante as necessidades do “Aqui” e do “Agora”.

Notamos como diversos exemplos culturais do Japão são passíveis de se interpretarem a partir das necessidades do presente. Desde a cultura da honra iniciada na Era Meiji e mantida até o final da Era Imperial à mudança política do pós-guerra, o Japão manteve sua identidade no presente, híbrido quando necessário, uníssono quando requisitado.

O presentismo japonês pode ser demonstrado empiricamente no presente, por meio da pesquisa da NHK, publicada por Kobayashi Toshiyuki (2007), que demonstra que o interesse em relação aos bombardeios



atômicos de Hiroshima e Nagasaki tem diminuído ao longo das décadas. A pesquisa apresenta diversas perguntas veiculadas entre variadas idades entre 2000-2005, para norte-americanos, japoneses e residentes de Hiroshima. Entre as perguntas está “Qual foi a data do bombardeio atômico de Hiroshima?”, entre os japoneses a resposta correta apareceu em apenas 38% dos entrevistados, em Hiroshima o índice alcançou 74%. No quesito da idade, a pergunta foi respondida corretamente pelos mais velhos – 42% na parte nipônica total e 81% em Hiroshima, contra 27% dos japoneses totais e 60% em Hiroshima.

Essa pesquisa também ilustra que o interesse pelo assunto aumenta na região de Hiroshima, sendo possível apontar as questões do “Aqui”. Para os japoneses da cidade com um contato direto com o epicentro atômico e os monumentos de paz da cidade, a história se faz mais presente e “mais necessária”, pois seus *mura* estão permeados pelo debate atômico, por meio da cidade reconstruída que se esforça para permanecer em lembrança.

Assim, podemos destacar que os eventos narrados neste trabalho demonstram o caráter “presentista” do Japão, desde a reforma Meiji, descrevem a abertura e o fechamento das fronteiras, e o discurso bélico-nacionalista e até a reestruturação no pós-guerra seguem essa lógica das necessidades do presente. Nenhuma cultura ou nação vive fora de si ou de seu tempo, entretanto é visível como a própria cultura japonesa produz o próprio presente a partir das necessidades do “Aqui = agora”.



BIBLIOGRAFIA

- Ano hata o ute.** Direção: Yutaka Abe, Gerard de León. Roteiro: Oguni Hideo, Yagi Koichiro. Japão: Toho. 1944. (64min): sonoro, preto-branco.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada:** Padrões da Cultura Japonesa. Tradução de César Tozzi. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BESS, Michael. **Choices under fire:** moral dimensions of world war II. New York: Vintage. 2008.
- BERTONHA, João F. A nova estratégia nacional de Defesa japonesa. **Boletim Meridiano** 47, vol 15, n. 142. 2014. p. 39-44.
- GLEASON, Alan. **Keiji Nakazawa Interview.** The comics Journal. 2003. Disponível em: <http://www.tcj.com/keiji-nakazawa-interview/>. Último acesso em: 29/04/2020.
- IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória:** Narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970). Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.
- JAPÃO. **A constituição japonesa.** 1947. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/constituicao.html>
- LANDES. David. **The wealth and poverty of nations:** why some are rich and some are poor. New York: W.W Norton. 1990.
- KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa.** Tradução de Fernando Chamas e Neide Nagae. São Paulo: Estação da liberdade, 2012.
- KIMIJIMA, Akihiko. **Peace in East Asia and the Japanese Constitution:** A Reexamination 60 Years After Its Making. Ritsumeikan Annual Review of International Studies, 2009.
- KOJIKI.** Tradução de Donald L. Philippi. Princeton: Princeton University Press. 1969.
- MANZENREITER, Wolfram. **Sport and body politics in Japan.** Abingdon: Taylor & Francis. 2014.
- NAKAZAWA, Keiji. **Gen pés descalços:** o nascimento de Gen, o trigo verde(Vol.1). Tradução de Drik Sada. São Paulo: Conrad Editora. 2011.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 235-289.
- Nessa no Chikai.** Direção: Kunio Watanabe. Japão: Manchukuo Film Association. 1940. (122min): sonoro, preto-branco.
- SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** São Paulo: Contexto. 2º ed. 2014.
- Shina no yoru.** Direção: Shu Fushimizu. Roteiro: Hideo Oguni. Japão: Manchukuo Film Association. 1940. (124min): sonoro, preto-branco.
- TOSHIYUKI, Kobayashi. **Fading memories of the atomic bomb and growing fears of Nuclear War.** Tóquio: NHK Broadcasting studies. N.5. 2007. Disponível online em: https://www.nhk.or.jp/bunken/english/reports/pdf/06-07_no5_10.pdf. Último acesso em: 24/03/2020.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução de DIFEL (Difusão Editorial S/A). São Paulo: Difel. 1980.
- UNIVERSITY OF PITTSBURGH. **Imperial Rescript on Education.** Disponível em: <https://www.japanpitt.pitt.edu/glossary/imperial-rescript-education>. Acesso em 20/03/2020.



NOTAS

1. Formado em história pela Universidade Estadual de Londrina (2015), especialista em filosofia moderna e contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina (2018), mestre em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (2020) e atualmente doutorando no programa de História política da Universidade Estadual de Maringá
2. Nascido em 1919 na cidade de Tóquio, Shuichi Kato é um reconhecido crítico japonês com grandes contribuições para com a cultura e literatura japonesa. Seu trabalho possui os méritos de analisar o Japão tanto pela ótica interna quanto externa nas lentes da cultura. Faleceu em 2008 aos 89 anos.
3. Tradução livre.
4. Segundo Igarashi (2011, p. 128), o número de operações cirúrgicas ocorridas nesse período até 1945 teria sido de 518.
5. A palavra mura, também pode ser compreendida como equivalente de “vila” em português. Entretanto, vale ressaltar que seu uso por Kato não é de apenas substantivo, carregando valores conceituais.
6. Podemos traduzir tatemashi como a construção de um anexo ou extensão em um edifício ou casa.
7. Palavra que pode ser compreendida como “país”.
8. Hoje, o lugar é um dos cruzamentos mais memoráveis da cidade.

